



PAPERS DO NAEA

ISSN 15169111

PAPERS DO NAEA Nº 064

RISCO SOCIAL, RISCO AMBIENTAL, RISCO INDIVIDUAL

Franz Brüseke

Belém, Agosto de 1996

O Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA) é uma das unidades acadêmicas da Universidade Federal do Pará (UFPA). Fundado em 1973, com sede em Belém, Pará, Brasil, o NAEA tem como objetivos fundamentais o ensino em nível de pós-graduação, visando em particular a identificação, a descrição, a análise, a interpretação e o auxílio na solução dos problemas regionais amazônicos; a pesquisa em assuntos de natureza socioeconômica relacionados com a região; a intervenção na realidade amazônica, por meio de programas e projetos de extensão universitária; e a difusão de informação, por meio da elaboração, do processamento e da divulgação dos conhecimentos científicos e técnicos disponíveis sobre a região. O NAEA desenvolve trabalhos priorizando a interação entre o ensino, a pesquisa e a extensão.

Com uma proposta interdisciplinar, o NAEA realiza seus cursos de acordo com uma metodologia que abrange a observação dos processos sociais, numa perspectiva voltada à sustentabilidade e ao desenvolvimento regional na Amazônia.

A proposta da interdisciplinaridade também permite que os pesquisadores prestem consultorias a órgãos do Estado e a entidades da sociedade civil, sobre temas de maior complexidade, mas que são amplamente discutidos no âmbito da academia.

Papers do NAEA - Papers do NAEA - Com o objetivo de divulgar de forma mais rápida o produto das pesquisas realizadas no Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA) e também os estudos oriundos de parcerias institucionais nacionais e internacionais, os Papers do NAEA publicam textos de professores, alunos, pesquisadores associados ao Núcleo e convidados para submetê-los a uma discussão ampliada e que possibilite aos autores um contato maior com a comunidade acadêmica.



Universidade Federal do Pará

Reitor

Marcos Ximenes Ponte

Vice-reitor

Zélia Amador de Deus

Núcleo de Altos Estudos Amazônicos

Diretor

Francisco de Assis Costa

Diretor Adjunto

Tereza Ximenes Ponte

Conselho editorial do NAEA

Edna Ramos de Castro

Francisco de Assis Costa

Indio Campos

Marília Emmi

Setor de Editoração

E-mail: editora_anae@ufpa.br

Papers do NAEA: Papers_anae@ufpa.br

Telefone: (91) 3201-8521

Paper 064

Revisão de Língua Portuguesa de responsabilidade do autor.

RISCO SOCIAL, RISCO AMBIENTAL, RISCO INDIVIDUAL

Franz Brüseke

Resumo:

Em 1986 Ulrich Beck publicou *A Sociedade de Risco*, desde então assistimos uma discussão sobre o risco e seus vínculos com a sociedade moderna. Nesta nossa contribuição para este debate, que ganha nos últimos anos também mais folego no Brasil, queremos refletir sobre riscos no âmbito social e ambiental e vamos mostrar que, na verdade, a consciência de risco já tem uma tradição longa. Depois de apresentar alguns elementos-chaves na argumentação de Beck, ora de suma importância e ora bastante problemáticos, tentamos chamar atenção para alguns aspectos ontológicos da questão. O conceito de perigo em Heidegger abre, ao nosso ver, uma dimensão que uma abordagem estritamente sociológica, como a de Beck, é incapaz de detectar. Por outro lado mostram as discussões sobre as características de sistemas dinâmicos - não-linearidade, imprevisibilidade, irreversibilidade, estruturas dissipativas etc. - e a tentativa de integrar partes desta nova visão no discurso sociológico, que a contribuição de Beck é somente uma voz num diálogo que ganhou nos últimos anos cada vez mais força.

Palavras-chave: Modernização. Sociedade de Risco. Risco Social. Risco Ambiental. Risco Individual.

Risco Social, Risco Ambiental, Risco Individual

Em 1986 Ulrich Beck publicou *A Sociedade de Risco*¹, desde então assistimos uma discussão sobre o risco e seus vínculos com a sociedade moderna.² Nesta nossa contribuição para este debate, que ganha nos últimos anos também mais folego no Brasil, queremos refletir sobre riscos no âmbito social e ambiental e vamos mostrar que, na verdade, a consciência de risco já tem uma tradição longa. Depois de apresentar alguns elementos chaves da argumentação de Beck, que ora é de suma importância mas ora bastante problemática, tentaremos chamar atenção para alguns aspectos ontológicos da questão. O conceito de *perigo* em Heidegger abre, ao nosso ver, uma dimensão, que uma abordagem estritamente sociológica, como a de Beck, é incapaz de detectar. Por outro lado mostram as discussões sobre as características de sistemas dinâmicos - não-linearidade, imprevisibilidade, irreversibilidade, estruturas dissipativas etc. - e a tentativa de integrar partes desta nova visão no discurso sociológico, que a contribuição de Beck é somente uma voz num dialogo que ganhou nos últimos anos cada vez mais força. Está colocada na mesa (na mesa redonda livre de dominação onde vale somente o argumento melhor) nada menos do que todo arsenal paradigmático das ciências sociais que, confrontadas com as surpresas dos resultados da modernização no século vinte, encontram-se também num processo de modernização reflexiva. Mas vamos por partes.

Modernização Reflexiva

A modernização esta comumente associada com a quebra dos laços sociais tradicionais, e com a integração das forças produtivas naturais no processo econômico através de novas tecnologias (com a máquina a vapor no seu centro) com sua reorganização e ampliação do processo produtivo como processo de trabalho; todavia identificamos desde os anos sessenta deste século algo novo. Beck constata que a sociedade industrial entrou numa fase de *modernização reflexiva*, na qual ela tornou-se tema para si mesmo. O próprio processo de modernização transformou-se em um problema por causa

¹ Ulrich Beck (1986). *Die Risikogesellschaft*. Frankfurt: Suhrkamp. [A Sociedade de Risco]. Frankfurt: Editora Suhrkamp, 1986

² Participaram nessa discussão entre outros: Giddens, Anthony (1991) *As Consequências da Modernidade*. São Paulo: Editora UNESP. Luhmann, Niklas (1990) *Risiko und Gefahr [Risco e Perigo]* em: *Soziologische Aufklärung 5. Konstruktivistische Perspektiven [Esclarecimento Sociológico - Perspectivas Constructivistas]*. Opladen: Westdeutscher Verlag, p.131-169. Evers, Adalbert; Nowotny, Helga (1987) *Über den Umgang mit Unsicherheit: Die Entdeckung der Gestaltbarkeit von Gesellschaft*. [Sobre a Convivência com a Insegurança]. Frankfurt. Que a pesquisa sobre riscos já começa antes da publicação de Beck documentam: Baruch Fischhoff; Stephan R. Watson; Chris Hope (1984) *Defining Risks*. In: *Policy Sciences* 17, p. 123-139. Também: Robert W. Kates; Jeanne X. Kasperson (1983) *Comparative Risk Analysis of Technological Hazards*. *Proceedings of the National Academy of Science* 80, p. 7027-7038. Griffiths, F.; orgs. (1981) *Dealing with Risk: The Planning, Management and Acceptability of Technological Risk*, Manchester.

das instabilidades e riscos que as novidades tecnológicas e organizacionais, introduzidas na sociedade (de forma não refletida), provocam. A sociedade industrial caracterizada pela sua capacidade de gerar riquezas em uma proporção até então desconhecida mas, também, pela sua distribuição desigual das mesmas, ganha na perspectiva de Beck, uma outra dimensão: ela deixa de ser exclusivamente uma sociedade baseada no princípio da escassez e torna-se uma sociedade cada vez mais saturada mas, cheia de imponderações e efeitos não-intencionados; em suma, estamos assistindo o surgimento de uma sociedade que produz e distribui, de forma desigual, os riscos ambientais e sociais.

Logo no início de suas reflexões sobre a *sociedade de risco*, Beck revela, de forma inconsciente, uma noção territorializada de sociedade. “Nós”, assinala o autor, “*ainda não* vivemos em uma sociedade de risco, mas também, *não vivemos mais* em uma sociedade de escassez caracterizada por conflitos de distribuição.” (Beck 1986:27) A sociedade a qual Beck se refere de forma familiar (“nos”) dificilmente é a sociedade global, ele fala na verdade sobre o desenvolvimento de alguns fragmentos da mesma organizados em Estados territoriais e usualmente denominados como países industrializados. Pois dificilmente podemos dizer que a grande maioria da população global vive em sociedades que superaram, pelo menos tendencialmente, o problema da escassez de bens básicos e sua distribuição desigual entre os grupos ou camadas sociais. Todavia fala Beck sobre riscos globais. O que devemos subsumir sob essa categoria?

Beck diferencia entre riscos individuais e riscos globais. Riscos individuais existiam sempre: qualquer aventureiro, como os descobridores do mundo, corria o risco de fracassarem em seu empreendimento. Mas o risco pessoal de Cristovão Colombo, por exemplo, distingue-se de forma radical dos riscos que a modernidade traz consigo. O mundo encontra-se hoje em uma *disposição de perigo* que expressa-se mais clara na ameaça nuclear, tanto na sua variável civil (uso da energia nuclear e produção de resíduos tóxicos) como militar (existência de ogivas nucleares na mão de diversos estados territoriais capazes de extinguir n-vezes qualquer vida na terra). A disposição de perigo, da qual Beck fala, atinge potencialmente todo mundo. O risco é global e desta forma um *risco de civilização*. Mas a grandeza do perigo não corresponde com a sua percepção pelos indivíduos e populações ameaçadas. O risco que a civilização corre não possui evidência, surge aí a necessidade da reflexão científica sobre a modernização.

Apesar do fato que a discussão sobre a sociedade de risco é recente, já possuem os *riscos de modernização* uma história, que começa com o surgimento da sociedade moderna mesma. No século dezenove aumentam-se os *riscos de saúde*, os *riscos de qualificação* e todas as imponderações por sua vez ligadas com o *risco de empobrecimento*. Este tipo de risco estava visivelmente ligado com o lugar da sua causação: a empresa capitalista. O risco de civilização do fim do século vinte é igualmente

expressão da modernização industrial mas, já ganhou algo a mais, uma dimensão globalizante que envolve no perigo lugares distantes e populações sem conhecimento das verdadeiras causas do seu sofrimento (presente e futuro). “Os perigos vinculados com as forças produtivas, quimicamente e nuclearmente hiperdesenvolvidas, dissolvem as bases e categorias nas quais nós pensamos e agimos até então - espaço e tempo, trabalho e lazer, empresa e estado nacional, sim, diluem até as fronteiras entre blocos militares e os continentes.” (Beck, 1986:29)

Essa invisibilidade imediata dos riscos da modernização, coloca os cientistas e políticos como interpretes do perigo numa posição chave. Através deles um risco pode sofrer minimização ou dramatização, o risco é, assim a primeira tese de Beck, aberto para processos sociais de sua definição. Segundo: os riscos relativizam as posições de classe. Ricos e pobres, empresários e assalariados sofrem ou podem sofrer as consequências da poluição industrial do ar, do envenenamento dos bens alimentícios pelos resíduos químicos etc. O risco da modernização produz um efeito bumerang que recai sobre grupos sociais até então protegidos contra os males da industrialização. Os riscos produzem também novas desigualdes internacionais. Elas são novas porque não correspondem necessariamente com as dicotomias antigas entre metrópole e periferia. Os suecos e noruegueses, melhor dito, as florestas da escandinavia no norte da Europa sofrem as consequências desastrosas da chuva ácida, resultado direto da emissão de enxofre pelas altas chaminés dos países vizinhos da europa. A própria Europa central foi atingida pela chuva radioativa logo depois do acidente da usina nuclear de Tchernobyl, e assim por diante. Terceira tese de Beck afirma que os riscos da modernização não contradizem a lógica da valorização do capital. Muito pelo contrário ...”produz a sociedade industrial com o aproveitamento econômico dos riscos induzidos por ela a disposição de perigo e o potencial político da sociedade de risco.” (Beck, 1986:30) A quarta tese de Beck destaca o papel da consciência na sociedade de risco e exige da sociologia uma contribuição para uma teoria do surgimento e da divulgação da consciência de risco. Finalmente caracteriza a quinta tese a sociedade de risco como uma sociedade catastrófica, nela o estado de emergência ameaça tornar-se o estado normal.

Duas linhas de argumentação permeiam o desdobramento dessas teses no trabalho de Beck. Uma trata a lógica da distribuição de riscos e a outra circula ao redor do teorema de individualização. Beck como muitos outros autores vê na destradicionalização das formas de convivência a diferença básica entre a sociedade moderna e pré-moderna. Com essa constatação ele não diferencia-se das constatações de outros autores (Weber, Barrington Moore, Elias, Polanyi e outros) todavia Beck identifica as formas sociais que se generalizaram com a sociedade industrial como a família nuclear, classes e estratos sociais específicas, a normalização do trabalho profissional - e junto com isso o

Management. Washington. William D. Rowe (1977) *An Anatomy of Risk*. New York

surgimento de biografias típicas - como algo que virou por sua vez *tradição* da sociedade industrial. Beck chama *lenda* a interpretação da sociedade industrial como sociedade moderna. (Beck, 1986:251) Muito pelo contrário: “A realização plena dos princípios essenciais da sociedade industrial - como a *normalidade* da garantia de existência individual via intermediação do mercado de trabalho - significa a superação da mesma” (Beck, 1986:251). Nessa perspectiva a sociedade industrial é na verdade uma realização do projeto da modernidade pela metade. Então errado é identificar a experiência histórica da sociedade industrial com a sociedade moderna. Ela por sua vez conhece a sociedade industrial como a sua primeira fase, como algo que realizou alguns princípios modernos mas não todo seu potencial, que é mais abrangente. Essa argumentação já ouvimos em outros contextos. Jürgen Habermas foi quem insistiu na tese - principalmente no debate com os seus colegas franceses como Lyotard³ - que o projeto da modernidade é um projeto ainda na espera da sua realização⁴. Beck mostra-se mais uma vez como fortemente influenciado por autores do *milieu* sócio-acadêmico da Alemanha ocidental depois de ‘68 e antes de ‘89. Somente assim, levando então a situação do autor em consideração, entendemos colocações como esta: ”A generalização da sociedade de mercado de trabalho - segurado pelo Estado do bem estar - dissolve tanto as bases sociais da sociedade de classes como da família nuclear” (Beck, 1986:251).

Sociologia territorializada

A sociologia territorializada leva necessariamente para constatações que confundem realidades bastante específicas dentro da própria sociedade territorial - e de outras sociedades territoriais que se assemelham a ela - com as estruturações e desestruturações, nem menos real, da sociedade global. O Estado do bem estar social é tão pouco um fenômeno universal, existindo então em todos os países da terra, como o mercado de trabalho. A evidência disso, que se expressa também na existência da economia informal, nas camadas sociais excluídas de qualquer mercado de trabalho e na inexistência do Estado de bem estar social capaz de *assegurar à sociedade de mercado de trabalho* em países como Brasil, contrasta com a facilidade com a qual Beck generaliza suas observações. Todavia valem as suas observações para esta sociedade que serve (inconsciente?) como o seu referencial empírico: a Alemanha dos anos oitenta do século vinte e alguns dos seus países vizinhos mostrando características semelhantes: um mercado de trabalho expandido e um Estado de bem estar social que segura (por

³ Lyotard, J.F. (1979) *La condition postmoderne*. Paris

⁴ Habermas manifestou-se, desde setembro 1980 - ano quando ele recebeu o Adorno-Preis [Prêmio Adorno], e proferiu a palestra “a modernidade - um projeto inacabado” - em vários lugares sobre essa questão. Veja entre outras fontes: Habermas, Jürgen (1981) *Kleine Politische Schriften I-IV*, Frankfurt: Suhrkamp, p.444-464. Também: Habermas, Jürgen (1988) *Der philosophische Diskurs de Moderne* [O discurso Filosófico da Modernidade]. Frankfurt: Suhrkamp.

enquanto?) as malhas da rede social.⁵ Nestes países podemos observar sim uma erosão dos papéis sociais tradicionais, de valores morais, de transformações no milieu proletário etc. mudanças que expressaram-se até em movimentos sociais (feminismo) ou apareceram como fenômenos de uma nova cultura de massa (estilo de vida, hábitos sexuais). Esclarecedor é também a argumentação de Beck que aponta na direção da *causa movens* de muitos destes fenômenos. Contrariando a autopercepção dos sujeitos, que entendem a adoção de um estilo de vida individualista como um ato de auto-emancipação na base de forças próprias, mostra o autor que a radicalização de alguns dos princípios da sociedade moderna é na verdade o motor destas mudanças. Assim a generalização do mercado de trabalho - em alguns países - e como sua consequência, a liberação de gerações de mulheres da dependência econômica da família e do marido é, sem dúvida, *o sine qua non* da revolução dos hábitos nos países economicamente mais fortes.

Central neste contexto também é a tese da cientificização reflexiva que se distingue da cientificização simples. A cientificização reflexiva é a cientificização voltada a si mesmo. Assim a oposição ecologista equipou-se com uma argumentação frequentemente capaz de bater os especialistas de uma grande empresa poluidora no seu próprio terreno. O parecer dos especialistas e consultores está sendo confrontado com o contra-parecer dos ambientalistas, que apresenta-se no plano científico com maior força de convicção. As análises extensas de Beck sobre a cientificização reflexiva mostram muito bem o valor heurístico do seu conceito central, o da modernização reflexiva. A modernização não entrou no seu próprio *Pós* mas volta-se contra si mesmo. Ela é reflexiva num duplo sentido, uma vez por causa deste movimento *Re* que persiste na autoaplicação dos seus próprios princípios e suas próprias lógicas e segunda, por causa desta reflexão crítica e científica que procura hoje e, pela primeira vez em grande escala, como seu objeto a própria modernidade. O conceito da modernização reflexiva abrange tanto a modernização refletida como também a modernização da própria modernização.⁶

O que é um Risco?

Nesta análise até então deixamo-nos levar pela argumentação de Beck e sentimos agora a necessidade e a vontade de voltar à raiz do problema e perguntamos: o que é, finalmente, um risco? Se

⁵ Depois da unificação da RFA e da RDA, das transformações na Europa central e oriental e dentro da Comunidade Europeia, mostram-se também no Centro da Europa os limites tanto do mercado de trabalho como do Estado do bem estar social. A argumentação de Beck corre então o perigo de sofrer uma relativização pelas imponderações no percurso real da história.

⁶ Sobre a modernização reflexiva veja também Anthony Giddens (1991) *As Consequências da Modernidade*. São Paulo: Editora UNESP. Igualmente: Ulrich Beck, Anthony Giddens, Scott Lash (1994) *Reflexive*

eu arrisco algo, corro o perigo de perder algo. Não existe nenhum risco sem a valorização positiva de algo, não existe nenhum risco sem algo que alguém pode perder. O risco é um acontecimento futuro, um momento esperado ou temido no qual essa perda acontece. Esse momento separa duas situações radicalmente distintas. Na primeira ainda não aconteceu a perda e domina a expectativa da mesma, na segunda realizou-se a perda ou já passou o perigo. O risco percebido torna-se facilmente um perigo. Ora o perigo tem algo claramente ameaçador o que o risco nem sempre possui. Todavia tem qualquer perigo todas as características de um risco, pois somente quando o perigo passou, posso dizer que enfrentei um risco. Um perigo realizado é um desastre, desastre que termina o percurso perigoso. O risco, pelo contrário, é algo que abre uma dada situação, ele bifurca o percurso da história de forma imprevisível. Aí a afinidade entre risco e sorte. Eu posso arriscar numa aposta dez reais e provocar a sorte, que pode multiplicar a minha fortuna ou transformá-la em nada, em uma perda.

Enfrentar um perigo foi considerado por muito tempo como algo que honra o homem. O perigo superado passa uma parte da sua periculosidade ao guerreiro, deixa-o transparecer como alguém que conseguiu superar por alguns momentos a hostilidade do real, vivido e percebido normalmente como algo insuperável e indomável. Adolescentes procuram frequentemente na realidade ou na imaginação o perigo por alguns momentos; a provocação dos sentimentos de um possível fracasso estimula a euforia que segue ao perigo superado.

A valorização do perigo ganhou, através dos aforismos de Friedrich Nietzsche, como algo oposto aos pequenos prazeres do homem rebanho, status filosófico.⁷ Aí identificamos um motivo que começando com Nietzsche, sofrendo depois em Sorel uma maior politização - Sorel articula *expressis verbis* simpatias pela violência política - e encontra em Heidegger uma sofisticação capaz de impressionar, no fim dos anos vinte, intelectuais de porte e sem nenhuma ambição fascista, como Karl Jaspers e Hannah Arendt.

A valorização da pessoa capaz de enfrentar o perigo, contrasta com a estima negativa que acompanha aquela que procura o risco. É o *hasardeur* que arrisca seu dinheiro, sua casa e seu crédito na praça⁸. Arriscar significa também brincar com o acaso. O azar ou a sorte acontece independente

Modernization - Politics, Tradition and Aesthetics in the Modern Social Order. Stanford: Stanford University Press

⁷ Ernst Bloch fez sobre o culto do perigo em Nietzsche (*Assim falou Zarathustra*) e também em Sorel (*Reflexões sobre a Violência*) algumas colocações pertinentes. Veja Bloch, Ernst (1959) *O Princípio da Esperança*. Frankfurt: Suhrkamp Vol 3, p.1106-1113. Alertando para as implicações políticas do culto de perigo e sua adoção pelos movimentos fascistas na Europa nos anos vinte e trinta Bloch chama atenção para o seguinte : “Todavia Sorel e Nietzsche não trabalharam conscientemente para uso fascista; as suas imaginações ideais sobre o poder são desta maneira ainda *ante rem*. (...) Apesar disso foram os seus ensinamentos útil para os fascistas. Principalmente Sorel com o seu *elan vital* político direcionado para o vazio, desordenado, influenciou o fascismo.” (Bloch, 1959:1108)

⁸ Muito revelador neste contexto o romance de F. Dostojewski, *O Hasardeur*.

das minhas virtudes. Todo mundo pode ter sorte, mas nem todo mundo tem coragem numa situação perigosa. O risco não procurado, capaz de ameaçar a base da minha existência normal causa em geral sentimentos menos nobres. Entre eles o simples medo de perder.

Pelo que o Temor Teme

As reflexões de Heidegger em *Ser e Tempo* são reveladoras sobre o temor, o danoso e o perigo. “O que se teme, o ‘temível’, é sempre um ente que vem ao encontro dentro do mundo e que possui o modo de ser do manual, ou do ser simplesmente dado ou ainda da co-presença.” (Heidegger, 1989: 195)⁹ O ‘temível’ ... “danoso enquanto ameaça não se acha ainda numa proximidade dominável, ele se aproxima. Nesse aproximar-se, o dano se irradia e seus raios apresentam o caráter de ameaça. (...) O que, na verdade, pode ser danoso no mais alto grau e até aproxima continuamente, embora mantendo-se à distância, entranha sua temeridade. É, porém, aproximando-se na proximidade que o danoso ameaça, pois pode chegar ou não.” E mais adiante: “O próprio ente que teme, a presença, é aquilo pelo que o temor teme. Apenas o ente em que, sendo, está em jogo seu próprio ser, pode temer. O temer abre esse ente no conjunto de seus perigos, no abandono a si mesmo.” (Heidegger, 1989:196) O temor (*Furcht*) é na interpretação de Heidegger um modo da disposição (*Befindlichkeit*), a disposição por sua vez é um chamado *existencial*, então algo que não faz parte do manual (*Vorhandenes*) mas é uma característica básica do estar-aí.¹⁰ Nesse nível de abstração descobrimos na abordagem de Beck um erro, ou pelo menos uma negligência fundamental. Em nenhum lugar de sua argumentação encontra-se uma distinção sobre o *temível, que pode chegar ou não*, no seu plano social e no seu plano individual. Com outras palavras: Beck não percebe que o risco é algo que caracteriza o estar-aí. Isso significa também que o risco não pode ser interpretado exclusivamente como algo que pertence ao mundo externo (como *manual*) mas também algo que caracteriza a existência humana independente da formação social, temporariamente em vigor. A confusão entre os aspectos ontológicos e sociológicos do risco ou melhor a ausência completa de uma reflexão ontológica de Beck têm um efeito desastroso. Em vez de assumir o inevitável - que é a simples ocorrência que a vida individual per si é um percurso finito sob a estrela do risco - ele projeta o temível na sociedade. Surge então o conceito da *sociedade de risco* que absorve todos os temores individuais e interpreta

⁹ Citamos Martin Heidegger segundo a tradução portuguesa de Márcia de Sá Cavalcante. Heidegger, Martin (1989) *Ser e Tempo*. Petrópolis: Vozes

¹⁰ O conceito *Dasein* pode ser traduzido como *presença* - eis aí a proposta da Marcia de Sá Cavalcante - ou também como *estar-aí* ou *ser-aí*. A expressão *estar-aí* (como também *ser-aí*) admite acompanhar melhor as alusões conceituais que permeiam o *Ser e tempo*.

exclusivamente como disposição social o que na verdade é (pelo menos também) uma disposição da existência individual.

Risco e Perigo

Os conceitos risco e perigo, usamos até agora, sem uma distinção mais radical, encostado no seu uso cotidiano. Todavia fez Niklas Luhmann algumas observações que podem ter utilidade para os que tentam aperfeiçoar a *sociologia de risco*. Luhmann constata, aqui confirmando por enquanto o uso indiferenciado dos conceitos risco e perigo em Beck, o seguinte. “Falamos sobre riscos e perigos em relação com possíveis danos. Existe incerteza no momento presente, no momento então do risco respectivamente do perigo, sobre o acontecimento real do dano. Essa incerteza não podemos excluir, porque a realização do dano depende de eventos futuros (ou não falaríamos mais, sendo excluída essa incerteza, sobre riscos e perigos). Os dois conceitos, risco e perigo, podemos usar para denominar qualquer tipo de desvantagem, por exemplo a possibilidade que um terremoto venha destruir casas, que alguém seja vítima de acidentes de trânsito ou de doenças ou, também, que um casamento torne-se desarmônico, ou que alguém não possa aplicar posteriormente o que ele estudou.”¹¹ Luhmann reclama que a sociologia ainda não conseguiu oferecer mais do que observações do óbvio. Após chamar o conceito *sociologia de risco* um conceito de moda ele dá mais uma vez uma prova do humor da sociologia baseada na teoria dos sistemas, e diz: “Como as outras disciplinas também a sociologia parece partir do pressuposto que os danos são danosos, que desvantagens devem preferencialmente ser evitadas e que isto vale ainda mais para danos que podem assumir extensões catastróficas. Se isto é o problema, torna-se atrativo, afirmar o oposto e falar de catástrofes normais e do risco de procurar segurança. Todavia não alcançamos com isso um conceito teórico e a pesquisa fica no estado da fascinação pelo horrível.” (Luhmann, 1990:140)

Luhmann propõe uma distinção entre risco e perigo: “Se possíveis danos estão sendo interpretados como consequências da própria decisão, trata-se de riscos (...) Não obstante falamos de perigos quando alguém relaciona os próprios danos com causas fora do próprio controle. Sejam isto eventos naturais, contra quais não têm proteção, ou também decisões de outras pessoas, grupos, organizações.” (Luhmann, 1990:149) A modernidade, pelo menos na sua fase atual, não conhece mais um *telos* histórico, o futuro pode realizar aquilo ou aquele projeto, dependendo das decisões presentes. Na medida em que a trajetória histórica se abre e torna-se uma função das minhas decisões assumem estas, quer queiramos ou não, a responsabilidade também para possíveis fracassos, perdas etc. O risco de uma decisão pressupõe a consciência desses danos possíveis, assim como o cálculo da

decisão de viajar de avião inclui a probabilidade de chegar sem acidente aéreo ao lugar do meu destino. Acontece um desastre, o que é improvável mas não impossível, torna-se o dano assumido numa decisão arriscada algo real. Quem fuma, diz Luhmann, assume o risco de morrer de câncer, para os outros o câncer continua sendo um perigo. (Luhmann, 1990:148) Alguém que assume o risco de morrer atrás do volante do seu carro em consequência da decisão de andar em alta velocidade representa um perigo para os pedestres e outros participantes do trânsito. Assim a mesma ação é um risco para um e um perigo para os outros. Percebemos como a operação de distinção de Luhmann entre risco e perigo, não pode proibir que os dois andem interligados. Todavia a argumentação de Luhmann chama a atenção para algo, que achamos essencial, que é a distinção entre o dano (hipotético) em consequência da própria ação consciente e o dano (hipotético) em consequência da ação dos outros, da natureza ou de outras *causas fora do próprio controle*.

Sem recorrer ao raciocínio de Luhmann seria realmente difícil explicar tanto o aumento real de riscos de qualquer espécie como a aceitação geral deste conceito, usado cada vez mais frequente para caracterizar a dinâmica específica da sociedade moderna. Luhmann destaca com razão a existência de uma relação íntima entre a interpretação de perigos como risco e o aumento da margem de decisão individual. Fala-se ainda pouco sobre a *liberdade* neste contexto, ela aparece somente de vez em quando em combinação com decisão, então como *liberdade de decisão*. Ainda poucos ousam uma discussão crítica deste conceito... um dos pilares da autoconsciência do homem moderno. Todavia visa a discussão dos perigos que emanam da liberdade de decisão, e de decisões arriscadas, dos outros numa direção que promete uma tentativa de um *roll back*. Nem por acaso encontramos nos movimentos ecologistas desde seus primórdios correntes conservadores que contrastam bastante, na sua orientação ideológica, com os novos movimentos sociais, que, por sua vez, são fruto imediato da ideologia libertária dos anos sessenta e setenta. Quem desenha cenários sociais futuros assustadores em consequência do mau uso da liberdade, deveria levar em consideração, que o medo do caos, da anomia, da desordem etc. foi sempre um chão fértil para, estimulada pela saudade de segurança, da ordem e do enraizamento em valores firmes, movimentos políticos que, por sua vez, já demonstraram a sua virulência desastrosa em outros contextos históricos.

Totalitarismo Legítimo?

“A sociedade de risco contém uma tendência para um *totalitarismo legítimo* da defesa contra perigos ...”(106). Esta observação de Beck tem um pressentimento das consequências possíveis da sua teoria (ou da realidade que a sua teoria pretende iluminar). Já conhecemos o *totalitarismo legítimo* de

¹¹ Luhmann, Niklas (1990) Risiko und Gefahr [Risco e Perigo]. In: Niklas Luhmann (1990) Soziologische Aufklärung 5. Konstruktivistische Perspektiven. Opladen: Westdeutscher Verlag, p.138

outras constelações históricas; assim mobilizaram os nacional-socialistas o *perigo bolchevista* e diversos governos da antiga União Soviética não se cansaram de alertar a própria população por causa da eminência de um ataque, possível a qualquer momento, das potências imperialistas. A catástrofe ecológica, um tema mais contemporâneo, também pode ganhar um status no imaginário de certas populações capaz de mobilizar temores de uma forma que alimenta a disposição para aventuras totalitárias - e legítimas, do ponto de vista dos que se sentem ameaçados. Exatamente a vinculação do temor com as profundezas do nosso ser faz nos vulnerável para projeções políticas, que prometem afastar o temível.

Os riscos, cuja conscienciência Beck promove, possuem algo irreal. A consciência do risco centra-se no futuro, espera dele algo perigoso, desastroso e irreversível que impossibilita qualquer ação corretiva. É exatamente a invisibilidade do risco que abre um campo largo tanto para o trabalho científico como para especulações e irracionalidades de qualquer espécie.

A Expectativa da Perda

O risco é impensável sem alguém que corre o risco, além do mais o risco refere-se sempre a alguma coisa ou um estado de coisas que pode se perder. O risco não existe sem o homem, que é este alguém que tem algo para perder. Não faz sentido, por exemplo, dizer que os dinossauros correram, 60 milhões de anos atrás, o risco de sua extinção. Uma catástrofe, melhor dito um acontecimento destruturador não-esperado e de grande porte, não é um risco. Por outro lado uma catástrofe esperada pode-se transformar em um risco. Esta catástrofe esperada, seria um risco independente do seu real acontecimento. Um aquecimento da atmosfera em torno de dois graus é um risco, independente do futuro desenvolvimento real da temperatura dela. Um risco constitui-se na base de uma expectativa e da chance que esta expectativa se realiza. Podemos dizer então que o risco inclui a chance da catástrofe. Falar sobre a catástrofe como chance inclui admitir que esta (a catástrofe) não se realize. Aí abre-se a possibilidade que algo não aconteça, por causa da virulência de fatores despercebidos mas, todavia, influenciando ativamente o percurso do acontecimento e assim contrariando todas as minhas expectativas. Nada inibe a imaginação que a atmosfera em vez de aquecer-se, diminua a sua temperatura. Neste cenário uma nova era glacial poderia ser a consequência, contrariando os prognósticos, que são na verdade expectativas argumentativamente fundamentadas, de uma geração inteira de pesquisadores. O risco ambiental não pode ser confundido com o anúncio de um fato x na hora y. O risco não expressa uma corrente de determinações que conduzem necessariamente a um resultado prognosticado. Falar sobre riscos no campo ambiental tem por isso sempre o caráter de um alerta. Este alerta mobiliza argumentativamente a imaginação de

movimentos lineares que levam impreterivelmente à catástrofe, ou pelo menos a um dano irreparável, se ... se nós não fazemos alguma coisa.

Self-Defeating Prophecies

Como existem no campo social os chamados *self-fulfilling prophecies*, profecias que se autorealizam, existem também *self-defeating prophecies*, profecias que se autodestroem. O ambientalismo seria politicamente sem sentido, se as suas profecias negras, se realizassem mesmo. O ambientalismo ganha a sua força do risco, da chance da catástrofe e também, isso é somente o outro lado da moeda, da chance do movimento social, que tenta evitar o que os seus líderes prognosticam. A chance da catástrofe abre também - como seu outro lado - a chance da ação. Tanto a catástrofe, como a ação tentando evitá-la, podem fracassar. A ação social pode em casos extremos, embora frequentemente observáveis, até aumentar o impacto da catástrofe. A ação social, equipado segundo Weber, com um sentido visado¹², pode não realizar-se dentro dos parâmetros das suas intenções. Cada ação social guiada pelo sentido visado corre o risco de causar efeitos não-intencionados. Desta maneira a ação não se reconhece mais nos seus resultados, ela perdeu no campo dos acontecimentos a sua força determinante. Perde também a sua inteligibilidade, pelo menos do ponto de vista daquele que tenta entender uma ação partindo da busca de um sentido inerente a ela. A ação social corre em determinadas circunstâncias o risco da sua própria irracionalização. No campo onde as ações se cruzam, contradizem-se e até anulam-se, ajuda pouco o teorema do *sentido visado* a entender o que realmente acontece.

Utopia e Risco

A consciência de risco refere-se a uma possibilidade. Algo pode acontecer ou possivelmente não. Enquanto pensamento do possível a consciência de risco lembra o pensamento utópico, que também volta-se contra um estado futuro e as suas possibilidades, interpretadas como positivas e na sua realização melhor do que as atuais. A utopia amplia, no nível fantástico e reflexivo, as possibilidades do real, ora somente na direção do desejável. A utopia não tem noção da possibilidade do seu próprio fracasso, o *ainda-não* presente na esperança utópica admite no máximo um atraso temporal, exige então para a sua realização mais esperança ou mais ação. Todavia restringem se as possibilidades anunciadas na pré-consciência do *ainda-não* às alternativas consideradas na própria utopia. A possibilidade da qual a utopia fala significa a transcendência de uma situação dada numa direção

¹² Sobre a ação social e o sentido visado veja Max Weber. *Economia e Sociedade*. Vol. 1, capítulo 1, pp. 3; idem os nossos comentários em Franz Josef Brüseke (1996) *A Lógica da Decadência*. Belém: Cejup, p.87-95.

definida. As utopias, e ainda mais as utopias sociais, conhecem um *telos*. O progresso, elemento central das utopias sociais da modernidade, é a aproximação a esse *telos*. Se existe um risco no caminho a um estado social melhor, então ele existe somente referente a velocidade da aproximação. O único contraconceito que a filosofia do progresso admite é o atraso.

A consciência de risco destruiu finalmente o utopismo dos movimentos sociais do século dezenove. Destruiu quando, sob impressão do fracasso da internacional socialista frente das crueldades da primeira guerra global, Rosa Luxemburg tematizou pela primeira vez a alternativa: socialismo ou barbaridade.¹³ O socialismo deixou de ser o único *telos* da história e ganhou uma concorrência não-desejada, todavia possível, a barbaridade, a destruição mútua das classes combatentes. Outros falaram depois sobre a existência de duas lógicas da história¹⁴, uma que deveria garantir a vitória final do proletariado e a outra tentando inviabilizá-lo. O que restou foi definitivo: uma relativização da teleologia histórica introduzida por Marx e os seus contemporâneos no pensamento do movimento social anti-capitalista.¹⁵

Estratégia de Minimização de Riscos

Logo que uma certa quantidade de bens é adquirida, surge o risco de perde-la. O mesmo vale para uma posição social alcançada ou o prestígio que a sociedade atribui. Quem não tem nada a perder se joga de corpo e alma na luta pela ascensão social. Diferente age quem já possui algo, que já conseguiu algo. Cada vez mais domina um comportamento cauteloso, em que são tomados cuidados para não arriscar o que já foi acumulado. As ponderações entre possíveis ganhos e possíveis perdas orientam a ação e a jogada audaciosa vira algo do passado.

Uma grande parte da soma do trabalho social é despendido para minimizar o risco de perder algo. O carro forte percorrendo a cidade, como todas as empresas privadas de segurança, tem a sua única razão de ser no risco de perder dinheiro. O seguro de saúde já anuncia no seu nome a sua função que é assegurar o risco de insolvência financeira diante de um problema de saúde mais custoso. Em vez de arriscar, segurar: o carro, a casa, o próprio emprego. Em países saturados, que transformaram-se segundo Beck em sociedades de risco, constatamos uma verdadeira mania de segurar, mania que é exatamente expressão do nível de sua saturação, do nível de acumulação de bens a perder.

¹³ Rosa Luxemburg escreve na *Brochura Junius* em 1916: “Mais uma guerra assim e as perspectivas do socialismo estão sepultadas sob os escombros montoados pela barbaridade imperialista.” Rosa Luxemburg (Junius) *A Crise da Socialdemocracia*. Zürich, 1916. Publicado em R. Luxemburg . *Gesammelte Werke*, vol. 4, Berlin: Dietz, 1974, p. 163

¹⁴ Entre eles Lelio Basso

¹⁵ A teleologia marxiana por sua vez é impensável sem a filosofia da história do Hegel. Além demais deve a escatologia política de Marx muito ao pensamento judaico-cristão.

A estratégia de minimizar os riscos de perder algo não é exclusivamente adotado por indivíduos, grupos que possuem de forma coletiva o mesmo bem ou indivíduos expostos ao mesmo risco também podem desenvolver comportamentos que pretendem segurar o que foi conseguido. Uma boa parte da ação sindical, ainda mais em tempos de crise econômica e de desemprego, não é outra coisa do que a tentativa de minimizar o risco de perder o que foi adquirido: o próprio emprego ou um certo nível salarial. A estratégia de minimizar os riscos é algo extremamente defensivo, interessa o status quo e a sua conservação. E em geral interessa somente o risco que o próprio grupo ou a própria corporação sofre. O risco dos outros nem entra na percepção de uma estratégia corporativista de minimizar os riscos. Todavia existem riscos que atingem cada vez mais grupos sociais maiores, independente da sua posição social, ou populações inteiras, nas regiões economicamente mais fortes ou longe dos centros industriais, entre este tipo de risco encontram-se os riscos ambientais.

Risco e Temporalidade ou the Point of no Return

Prigogine e Glansdorff introduziram os conceitos da temporalidade forte e da temporalidade fraca na discussão sobre o desenvolvimento de estruturas de sistemas.¹⁶ Um certo tipo de sistema, caracterizado pela temporalidade forte, passa depois de mostrar um alto grau de estabilidade por situações nas quais ele se confronta com alternativas radicais no seu próprio desenvolvimento. Foram chamadas bifurcações estas escolhas súbitas e definitivas entre chances alternativas de estruturação. A escolha é definitiva porque deixa o sistema sem a possibilidade de retornar para o seu estado passado, isto acontece também devido o fato de que o sistema perde, passando pela catástrofe da bifurcação, a memória da sua estrutura anterior.

O conceito de temporalidade forte nos parece útil para esclarecer melhor o fenômeno de risco no campo do social. Em termos gerais podemos dizer que com o advento da modernidade passou a temporalidade do social do tipo fraco para o tipo forte. Ainda mais com a introdução definitiva do sistema industrial aumentou-se, primeiro em alguns países da Europa como Inglaterra, França e Alemanha a velocidade da ordem de tempo da dimensão econômica da sociedade. Esta, moldada pelo ritmo da produção industrial está caracterizada por um mecanismo de auto-aceleração e submete todas as formas sociais ao tempo linear. O tempo de circulação do capital bancário tende no caso ideal à zero. Eis aí uma tendência que Karl Marx já analisou no *Capital* e que hoje ganha dimensões reais e espantosas, como demonstram as crises financeiras da última geração, que se destacam, como no caso da crise mexicana, pelo seu surgimento surpreendente e sua trajetória eruptiva e globalizante.

¹⁶ Glansdorff, P.; Prigogine, I. (1971) *Thermodynamic Theory of Structure, Stability and Fluctuations*. New York.

Uma situação histórica antes de uma bifurcação, que por sua natureza é dificilmente prognosticável, contém a chance de desenvolvimento na direção desejada pela sociedade e é ao mesmo tempo uma situação de risco, pois a “catastrofe” com sua alta instabilidade pode resultar em desestruturação econômica e degradação sócio-ambiental. Na medida em que a ordem de tempo da sociedade industrial-capitalista (incluindo as suas variações pós-fordistas) desenvolve de forma crescente a temporalidade forte ela tende a criar cada vez mais situações de risco. O risco não cresce de forma linear, mas aumenta sua probabilidade na verdade em *situações*. Em certos momentos históricos cresce a probabilidade de bifurcações, e com elas crescem as chances tanto de ganhos de complexidade, de coerência e de sentido social como crescem as chances do fracasso, da anomia e do risco de perder um nível já alcançado. Podemos dizer também, adotando um conceito que Prigogine usa em outros contextos, que a modernização criou cada vez mais estruturas dissipativas, estruturas longe do equilíbrio, que tendem a sua própria desestruturação.

A perda da *memória* depois da passagem da bifurcação é um fenômeno heterogêneo, partes da sociedade, grupos deslocados, elites derrotados, indivíduos declassificados ou até populações inteiras, todavia marginalizadas pelo processo da modernização, resistem aos novos tempos. Saudosismo de qualquer espécie e o desejo de conservar valores e práticas sociais anteriores fazem parte de um projeto sem chance: a tentativa de freiar ou reverter o percurso da história moderna. As reações contra a modernização global, que nós não interpretamos como algo inerente ao progresso histórico, pode ganhar todavia dimensões relevantes. Movimentos fundamentalistas, uma expressão de culturas profundamente violentadas pelo processo modernizante, se opõe frequentemente à modernização interpretada como ocidentalização, americanização, cristianização, imperialismo etc. Estes movimentos desconhecem que atrás dos fenômenos que aparentemente vem de fora age uma lógica que somente por acaso histórico desdobrou-se primeiro no ocidente. As transformações e adaptações da sociedade japonesa, entre outras, mostram muito bem que existem outras culturas além das européias (com sua ascense intramundana e sua ética de trabalho promovida pelo protestantismo) que têm também afinidades culturais com as exigências funcionais da sociedade industrial.

Os Riscos dos Herdeiros

Apesar do fato de que o risco é algo que atinge o presente por causa de uma projeção futura existe um risco que vem do passado. Às vezes é perigoso, como alguém disse, ser herdeiro. Os resíduos radioativos das usinas nucleares construídas nos anos setenta e oitenta do século vinte fazem parte dessa herança que as gerações presentes passam para as gerações futuras sem que estas tenham a mínima chance de rejeitar este presente duvidoso. Entre os elementos radioativos contidos nos elementos de combustível queimados nas usinas nucleares e dos rejeitos das instalações de

recuperação atômica encontram-se Strontium-90, Ruthenium-106, Jodo-129, Jodo-131 e Plutônio-239. Este último, o plutônio-239, é extremamente tóxico e tem uma meia-vida de 24390 anos, o que significa que depois de 24390 anos o plutônio possui ainda a metade da sua radioatividade de hoje. É inimaginável que a sociedade humana seja capaz, nas suas condições de hoje, de construir um sistema de segurança que ainda funcione daqui a mais de cem mil anos (do império romano separam-nos menos de dois mil anos!). Fica bem claro o tamanho do risco que o uso da tecnologia nuclear produz, para os contemporâneos e para as gerações futuras. A herança tóxica não restringe-se aos resíduos radioativos. A sociedade moderna, com seus novos hábitos de consumo, produziu uma série de novas matérias que, se não possuem toxicidade imediata, resistem por muito tempo nos circuitos naturais. A *alta modernidade* adicionou ao risco social e individual o risco ambiental, nesta dimensão desconhecida até então.

O risco ambiental tem um efeito nivelador. Perante a nuvem radioativa, como o acidente em Tchernobyl demonstrou, todos são iguais. Mais importante do que o nível sócio-econômico tornou-se nos dias do acidente o fato de ter sorte ou azar. Quem morava na direção do vento por onde a nuvem radioativa se espalhou (parte da europa oriental, central e norte) foi um dos infelizes, independente de ser empresário ou assalariado, empregado ou desempregado que se confrontou com o risco de sofrer a contaminação radioativa.

A Periculosidade da Filosofia

Finalizando as suas reflexões sobre a periculosidade da filosofia Loparic tenta uma sistematização dos perigos principais. Ele identifica perigos extremos de três tipos diferentes... “os do culto às forças das origens, os da técnica e os da moral totalitária.”¹⁷

Loparic usa - numa primeira aproximação - o esquema desenvolvido por Sigmund Freud, para mostrar como os perigos extremos e seus reflexos no pensamento filosófico têm o seu correspondente na estrutura psíquica do homem. Como sabemos fala Freud sobre o Id, o Ego e o Super-Ego, para denominar uma vez as pulsões (Id), a instância moral (Super-Ego) e o Eu consciente (Ego) todavia permanentemente influenciado pelo inconsciente (Id e Super-Ego). Assim diz Loparic: “É o mundo (realidade), com o seu porta-voz, o ego-realidade, que deve, claramente, ser declarado reponsável pelos perigos da técnica apontados por Heidegger. Os perigos do enraizamento, denunciados por Levinas, só podem provir das instâncias do id e do ego-prazer. Finalmente os perigos da entrega ao Infinito podem, sem muita hesitação, ser atribuídos ao superego.” (Loparic, 1990:228) O quadro abaixo mostra as interligações entre as três instâncias psíquicas, tipos de religião, formas básicas de

ideologia, os princípios primeiros dessas ideologias e os perigos filosóficos principais que surgem da sobrevalorização ou do *nomos*, ou do *logos*, ou da *physis*.

Instância psíquica	Religião	Formas básicas de ideologia	Princípio primeiro:	Perigos
Super-Ego	judáico-cristã: deus Yahvé	nomocentrismo; tradição yahvista; princípio de redenção	nomos	o culto das forças do bem em detrimento das forças do real e das origens
Ego	deus Logos (ou Apolo), ateísmo filosófico (Spinoza), fé na razão cósmica (Platão, Freud, Einstein)	logocentrismo; cosmocentrismo; (Anaxagoras, Descartes); razão impessoal	logos	o culto das forças do real em detrimento das forças do bem e das origens
Id	orgiásticas, pagãs, dionisíacas	relação pré-lógica com o indizível; falta princípio de causalidade; não existe distinção entre Bem e Mal; fisiocentrismo	physis	o culto das forças originárias em detrimento das forças do bem e do real

Vale ressaltar que Loparic apresenta aqui um esquema que trabalha com tipos ideais, na realidade encontramos sempre formas mistas.

Teorias que aumentam os Riscos

A análise de Beck prende-se exclusivamente nos riscos que *provêm do culto das forças do real*. Nesta perspectiva a sua crítica à modernidade, já possui algo clássico, ela volta-se contra a razão instrumental, e seus efeitos desestabilizantes sobre a sociedade e o meio ambiente. O próprio conceito de *modernização reflexiva* transporta a mensagem de que o objeto da reflexão da modernização é ela mesma; neste sentido, no ato da sua auto-crítica, a modernização torna-se auto-referencial. Concordando com a utilidade desta proposta por causa da sua capacidade de pensar uma *outra modernidade*, evitando desta maneira a construção do artifício de uma *pós-modernidade* que tira a sua identidade de uma dicotomia vazia, alertamos para a restrição implícita da argumentação de Beck.

¹⁷ Zeljko Loparic (1990) Heidegger Reu - Um Ensaio sobre a Periculosidade da Filosofia. Campinas: Papirus, p.228

Esta restrição refere-se ao esquecimento dos dois outros riscos que provém, como Loparic mostra, do culto das forças do bem e do culto das forças originárias. A linguagem filosófica desta alerta oculta algo de relevância prática extraordinária. As grandes catastrofes do século vinte, por sua vez o século mais sangrento na história da humanidade¹⁸, são intimamente ligadas tanto com a sobrevalorização das forças do bem como das forças originárias. A primeira e a segunda guerra global tiraram toda a sua força das *irracionalidades* das sociedades contemporâneas e a mobilização totalitária tanto de ideais nobres como de necessidades arcáicas. O fascismo com a sua relação pré-ológica com *o solo e o sangue*, seu culto dos coletivos falsos como a *raça*, a *nação* e a *comunidade dos soldados*, é o maior exemplo disso. Mas também o culto das forças do bem fez as suas vítimas. A cumplicidade intelectual de grandes cientistas do ocidente e oriente com o regime soviético, nos anos vinte e trinta tão inescrupuloso quanto seu adversário fascista, se explica pela crença na autolegitimação estalinista. Essa consistiu basicamente no argumento que a causa nobre, que era nada menos do que a construção de um mundo justo, igualitário e livre, justificava temporariamente a injustiça, a desigualdade e a ditadura como meios repugnáveis mas necessários.

Também as catástrofes menores não são intelegíveis se insistimos na identificação da razão instrumental como a sua causa exclusiva. Atualmente - em junho de 1996 - registramos no continente africano nada menos do que onze conflitos militares de grande porte, guerras esquecidas pela mídia das sociedades de risco, que mostram tanto o que significa caos social na praxis como demonstram que a sociedade global já dispõe de mecanismos que excluem simplesmente uma dúzia de guerras locais e regionais da consciência global. Para não afirmar o que nós criticamos, queremos pelo menos mencionar os nomes dos países onde morrem e sofrem, também nestes dias, milhões de seres humanos, são eles: Argélia, Angola, Burundi, Libéria, Mali, Nigéria, Ruanda, Somália, Sierra Leone, Sudan, Tchad, Uganda, Saara Ocidental¹⁹.

Sem poder entrar mais nos detalhes deste assunto neste momento queremos somente destacar que uma teoria adequada da sociedade moderna contemporânea tem que se abrir além do horizonte das regiões racionalizadas e suas autoexplicações racionalizantes. O preconceito racionalista da sociologia (Weber), esquecendo desta maneira os outros *perigos teóricos* com consequências reais, e a sua restrição territorializada contribui pouco²⁰ para entender melhor o desenrolar arriscado da sociedade global.

¹⁸ Até agora subentende-se. Os números dos mortos em consequência de atos violentos do século XXI ainda não estão - obviamente - à nossa disposição.

¹⁹ Fonte: Frankfurter Allgemeine, *Afrikas vergessene Kriege* (As guerras esquecidas da África), 13.04.96

²⁰ Este pouco todavia já é muito. A nossa crítica à sociologia não deve ser entendida como convite de menosprezar teorias que contribuem para entender melhor processos de racionalização.

Referências

- BASSO, Lelio (1974) *Der Beitrag Rosa Luxemburgs zur Entwicklung der Marxschen Theorie*. [A Contribuição da Rosa Luxemburg para o Desenvolvimento da Teoria Marxiana] In: Claudio Pozzoli (orgs.) *Rosa Luxemburg oder Die Bestimmung des Sozialismus*. Frankfurt: Suhrkamp, p.21-41
- BECK, Ulrich (1986). *Die Risikogesellschaft*. [A Sociedade de Risco]. Frankfurt: Editora Suhrkamp
- BECK, Ulrich (1994) *Ecological Enlightenment - Essays on the Politics of the Risk Society*. New Jersey: Humanities Press
- BECK, Ulrich; Giddens, Anthony; Lash, Scott (1994) *Reflexive Modernization - Politics, Tradition and Aesthetics in the Modern Social Order*. Stanford: Stanford University Press
- BLOCH, Ernst (1959) *Das Prinzip Hoffnung [O Princípio da Esperança]*. Frankfurt: Suhrkamp, 3 vols.
- BRÜSEKE, Franz Josef (1996) *A Lógica da Decadência*. Belém: Cejup
- DOSTOJEWSKI, F. (s.a.) *Der Spieler [O Hasardeur]*. Klagenfurt: Eduard Kaiser Verlag
- EVERS, Adalbert; Nowotny, Helga (1987) *Über den Umgang mit Unsicherheit: Die Entdeckung der Gestaltbarkeit von Gesellschaft*. [Sobre a Convivência com a Insegurança]. Frankfurt
- FISCHHOFF; Baruch; Watson; Stephan R., Hope, Chris (1984) *Defining Risks*. In: *Policy Sciences* 17, p. 123-139.
- FRANKFURTER Allgemeine, *Afrikas vergessene Kriege [As guerras esquecidas da África]*, 13.04.96
- GIDDENS, Anthony (1991) *As Consequências da Modernidade*. São Paulo: Editora UNESP
- GLANSDORFF, P.; Prigogine, I. (1971) *Thermodynamic Theory of Structure, Stability and Fluctuations*. New York.
- GRIFFITHS, F.; orgs. (1981) *Dealing with Risk: The Planning, Management and Acceptability of Technological Risk*, Manchester.
- HEIDEGGER, Martin (1989) *Ser e Tempo*. Petrópolis: Vozes
- KATES; Robert W.; Kasperson, Jeanne X. (1983) *Comparative Risk Analysis of Technological Hazards*. *Proceedings of the National Academy of Science* 80, p. 7027-7038.
- LOPARIC, Zeljko (1990) *Heidegger Reu - Um Ensaio sobre a Periculosidade da Filosofia*. Campinas: Papirus
- LUHMANN, Niklas (1990) *Soziologische Aufklärung 5. Konstruktivistische Perspektiven [Esclarecimento Sociológico - Perspectivas Constructivistas]*. Opladen: Westdeutscher Verlag
- LUXEMBURG, Rosa (Junius) *Die Krise der Sozialdemokratie [A Crise da Socialdemocracia]*. Zürich, 1916. Publicado em R. Luxemburg . *Gesammelte Werke*, vol. 4, Berlin: Dietz, 1974, p. 51-164.
- NIETZSCHE, Friedrich (1921). *Also sprach Zarathustra [Assim falou Zarathustra]* In: Friedrich Nietzsche Werke, vol. 7, Stuttgart: Alfred Kröner Verlag
- RESCHER, Nicholas (1983) *Risk: A Philosophical Introduction to the Theory of Risk Evaluation and Management*. Washington.

ROWE, William D. (1977) *An Anatomy of Risk*. New York

SOREL, Georges (1908) *Réflexions sur la Violence* [*Reflexões sobre a Violência*]. Paris, s.e.

WEBER, Max (1991). *Economia e Sociedade*. Brasília: Editora UNB